

engrossent[ar] - v. (*en* + *grosso* + *-entar*). → engross[ar]. 'engordurar'. || G [1399/tsla/64vc2]: Se foy l torpe en comer . ou en beuer . como diz l san bernaldo abrindo muyto aboca . l ou soando con os beyços como besta l ou vertendo os maníares ou ovyn l ho por sy ou por amesa ou metendo l torpemente toda amãõ ou todos os l dedos en na escudela . ou tornando o pan l mosegado aella . ou ovaso com aboca en l **grossentando** . ou as toalhas torpemen l te enscuiando Se se queixo muyto en / l ocomer sen l he dando pressa *que* he syn l al de *guargantuice*.

enhader → enader.
enhale[ar] — v. (< de *en* + *alear* [este do lat. *alienare*]^{et.}) 'alienar'; 'transferir para outrem a posse ou propriedade de algo'. || CF3 [xiii/frac/84v]: Se algũa cousa for metuda en iuyzo e *aquel que* a teuer e a **enhalear** ante *que* seya liurada *per* iuyzo e *per* aueença, en poder seya do demandador de a (de a) demandar aaquel que lha alheou ou aaquel que a recebeu.

enhatamente - adv. (< *enhata* + *-mente*). → *enhata* . /*enatho*. 'hediondamente'; 'de maneira repugnante'. [xiv/flos/23rc2]: e muytas vezes veo a mim qual ele era muy

Aparecida Negri Isquerdo
Celina Márcia de Souza Abbade
ORGANIZADORAS

ASCIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA
LEXICOGRAFIA
TERMINOLOGIA

VOLUME IX

engrossent[ar] - v. (*en + grosso + -entar*). → engross[ar]. ‘engordurar’.
|| G [1399/tsla/64vc2]:
Se foy l torpe en comer . ou en beuer . como diz l san bernaldo abrindo muyto aboca . l ou soando con os beyços como besta l ou vertendo os maníares ou ovyn l ho por sy ou por amesa ou metendo l torpemente toda amãõ ou todos os l dedos en na escudela . ou tornando o pan l mosegado aella . ou ovaso com aboca **en l grossentando** . ou as toalhas torpemen l te enscuiando Se se queixo muyto en / l ocomer sen lhe dando pressa *que* he syn l al de *guargantuice*.

enhader → enader.
enhale[ar] — v. (< de *en + alear* [este do lat. *alienare*]^{el}.) ‘alienar’; ‘transferir para outrem a posse ou propriedade de algo’. || CF3 [xiii/frac/84v]: Se algũa cousa for metuda en iuyzo e *aquel que* a teuer e a **enhalear** ante *que* seya liurada *per* iuyzo e *per* aueença, en poder seya do demandador de a (de a) demandar aaquel que lha alheou ou aaquel que a recebeu.

enhatamente - adv. (< *enhata + -mente*). → enhata . /enatho. ‘hediondamente’; ‘de maneira repugnante’.
[xiv/flos/23rc2]: e muytas vezes veo a mim qual ele era muy

Aparecida Negri Isquerdo
Celina Márcia de Souza Abbade
ORGANIZADORAS

ASCIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA
LEXICOGRAFIA
TERMINOLOGIA

VOLUME IX



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS

DELIBERAÇÃO Nº 38, DE 19 DE NOVEMBRO DE 2020

Conselho Editorial

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Além-Mar Bernardes Gonçalves

Alessandra Borgo

Antonio Conceição Paranhos Filho

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Delasnieve Miranda Daspert de Souza

Elisângela de Souza Loureiro

Elizabeth Aparecida Marques

Geraldo Alves Damasceno Junior

Marcelo Fernandes Pereira

Nalvo Franco de Almeida Jr

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Ruy Caetano Correa Filho

Vladimir Oliveira da Silveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

As ciências do léxico : volume IX : lexicologia, lexicografia, terminologia / Aparecida Negro Isquierdo, Celina Márcia de Souza Abbade, organizadoras. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2020.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufms.br>

Texto em português e espanhol.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86943-24-5

1. Lexicologia. 2. Lexicografia. I. Isquierdo, Aparecida Negri. II. Abbade, Celina Márcia de Souza.

CDD (23) 413.028

Bibliotecária responsável: Wanderlice da Silva Assis – CRB 1/1279

Aparecida Negri Isquerdo
Celina Márcia de Souza Abbade
ORGANIZADORAS

AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

LEXICOLOGIA
LEXICOGRAFIA
TERMINOLOGIA

VOLUME IX

Campo Grande - MS
2020

 editora
UFMS

© dos autores:
(Orgs.) Aparecida Negri Isquerdo
Celina Márcia de Souza Abbade

1ª edição: 2020

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica
TIS Publicidade e Propaganda

Revisão
A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos
para esta edição



Divisão da Editora UFMS - DIEDU/AGECOM/UFMS

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande - MS, 79070-900
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: diedu.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-65-86943-24-5
Versão digital: novembro de 2020.

AS IDEIAS LINGUÍSTICAS DE JUAN CARLOS GUARNIERI¹

Ricardo Soca

INTRODUÇÃO

Juan Carlos Guarnieri (1904-1991) publicou vários dicionários sobre a variedade linguística do Rio da Prata, que se plasmaram no seu *Diccionario del lenguaje rioplatense* (1979), um marco da lexicografia nacional, já que foi a primeira obra lexicográfica uruguaia do século XX que recorreu a um enfoque abrangente de nossa variedade regional. Foi um lexicógrafo *sui generis*, posto que não tinha formação nessa área; não era linguista nem filólogo, mas um jornalista curioso, sensível e com interesses linguísticos.

No *Archivo Guarnieri*, da Academia Nacional de Letras do Uruguai, há numerosos escritos datilografados que permitem vislumbrar as ideias linguísticas desse autor. Para analisá-las, utilizei como *corpus*, além do prólogo do *Diccionario del lenguaje rioplatense* (1979), os seguintes textos², intitulados: (1) *Cuidar nuestro lenguaje es también defender nuestra nacionalidad*³; (2) *Sobre la conservación de la pureza y los valores de nuestro lenguaje*⁴ e (3) *Pureza y riqueza del lenguaje rioplatense*.

¹ Texto traduzido do espanhol para o português por Adriana Kerchner da Silva e Cyrano da Rosa Silva, alunos do curso de Bacharelado em Letras – Tradução Português-Espanhol, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a supervisão da Profa. Cleci Bevilacqua, do Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras, UFRGS.

² Não encontrei registros de que nenhum desses escritos tenha sido publicado. O único deles que está datado é o (3), em Buenos Aires, em 1975, arquivado como 3.2 (25 páginas).

³ Arquivado como 3.7.2. Sem data (4 páginas).

⁴ Arquivado como 3.9.3. Sem data (5 páginas).

Nesses escritos transparecem algumas de suas ideias e opiniões: sua visão da importância da linguagem como elemento fundamental da identidade nacional; sua visão contraditória, em meu entendimento, a respeito da ideologia do purismo; sua noção da mudança linguística; sua concepção da relação entre uma “língua-mãe” e as variedades regionais; sua visão do *lunfardo*, do *vesre* e do *cocoliche*;⁵ sua percepção de um distanciamento cultural da região em relação à antiga metrópole e sua decisão – por acaso não totalmente consciente – de dar um caráter não contrastivo a seus dicionários.

1. LINGUAGEM, FOLCLORE E IDENTIDADE

No primeiro desses textos, Guarnieri expressa que a linguagem é um dos elementos constitutivos da identidade nacional; por sua função, ela é situada no mesmo plano que o folclore e a história. Concebe esta última como um arquivo das “lutas do passado”, um sintagma no qual cabem tanto as lutas pela independência, como as guerras civis que ocorreram durante as primeiras sete décadas de nossa vida independente, às quais faz referência em várias entradas do *Diccionario del lenguaje rioplatense*.

A linguagem e seu folclore, assim como o folclore em geral, formam, com a história, as bases mais sólidas de uma nacionalidade, porque estão indissolivelmente unidas às lutas do passado, carregam tanto de sua essência real que constituem o mais poderoso vínculo de união dos cidadãos que a integram (Texto 1)⁶.

⁵ O *cocoliche* foi um dialeto utilizado na Argentina e Uruguai pela primeira geração de imigrantes no século XIX, até o começo do século XX, oriundo da mistura entre o espanhol e o italiano. O *lunfardo* foi originado pela mesma mistura, porém segue sendo utilizado até hoje. Já o *vesre* refere-se a uma gíria também utilizada nesses locais, que consiste em inverter a ordem das palavras. Por exemplo, “tango” torna-se “gotán”, ou “abajo” fica “ajoba” (N. dos T.).

⁶ Os documentos mencionados pelo autor nas notas 2, 3 e 4 não contêm páginas numeradas, segundo esclarecimentos do autor do texto aos tradutores. (N. dos T.).

A sua compreensão do papel identitário da linguagem é percebida também na ríspida crítica que dirige contra as “vozes estranhas que vão se infiltrando” em nossa variedade linguística, devido ao predomínio de “esportes ingleses ou anglo-americanos (futebol, basquete, corridas de cavalo etc.)”, um fenômeno que se soma à “adoção desses idiomas (inglês britânico e americano) [que,] como língua universal, suplantaram o francês” (Texto 1).

A expressão “vozes estranhas” é aplicada aqui, como vemos, aos anglicismos que abrem espaço, “se infiltram” no espanhol rio-platense. O sintagma parece ter aqui certo caráter de ilegitimidade. No entanto, no *Diccionario del lenguaje rioplatense* (1979, p. 7), a mesma expressão é aplicada aos indigenismos que os conquistadores e colonizadores coletaram no México, no Caribe e no Peru, que Guarnieri parece considerar não tão ilegítimos: “Essas vozes estranhas perduram aqui, e se multiplicam em derivados, mas não se difundem nem adquirem vivência em outras regiões próximas da América espanhola”.

2. A RAE, OS PURISTAS E A LINGUAGEM “QUASE HÍBRIDA”

No documento (3), Guarnieri expressa seu reconhecimento do papel que, segundo ele, cabe à Real Academia Española (RAE) de “velar” sobre nossa “língua-mãe, o castelhano”, assim como suas ideias sobre a “defesa de nossa linguagem”:

Quando falamos de uma necessária defesa de nossa linguagem, [não] nos referimos apenas à língua-mãe, o castelhano, sobre o qual vela a Real Academia Española, mas à nossa linguagem regional e também nacional, já irreversível porque é histórica, ou, dizendo mais claramente, formada por nossa história, que não é a mesma que a dos demais povos hispano-americanos (Texto 3).

Não obstante, isso não significa que tal “defesa” da linguagem “se ajuste apenas ao que ditam os puristas da língua, que pretendem ignorar a dinâmica das linguagens, as leis inevitáveis que as regem”. Parece haver aqui uma crítica à gramática prescritiva, aferrada à norma da variedade peninsular, que predominava em seu tempo. “Portanto, esse acervo deve ser zelosamente defendido por quem tem, pelo fazer público, essa responsabilidade, e pelo povo em geral” (Texto 3).

Percebendo o papel da linguagem como um poderoso “vínculo de união entre os cidadãos”, formula aqui um chamado às autoridades e aos próprios falantes comuns para que preservem nossa variedade linguística, que, como vimos, distingue-se de “nossa língua-mãe, o castelhano, sobre a qual vela a Real Academia Española”. Efetivamente, esclarece que o objeto de “defesa” a que se refere não é “a língua-mãe”, mas nossa variedade “nacional e também regional” porque é “histórica e diferente das dos demais países hispano-americanos” (Texto 3).

Relembra que a linguagem dos conquistadores e dos colonizadores nem sempre se ajustava à fala da meseta castelhana, senão que houve no Rio da Prata uma “linguagem quase híbrida”, que incorporou palavras de outros idiomas e variedades de diversas regiões da Espanha. Ademais, os espanhóis que chegavam a essas terras traziam consigo vocábulos indígenas que haviam recolhido no México, nas ilhas do Caribe e no Peru. Observa, da mesma forma, que os nomes de plantas e animais desconhecidos na Europa eram geralmente de origem indígena, motivo pelo qual nossa variedade foi enriquecida também com vozes predominantes do *quéchua* e de outras línguas originárias.

Apesar da benevolência com que se refere à “linguagem quase híbrida” dos conquistadores e de suas críticas aos “puristas da língua”, não consegue se liberar da ideologia purista, fortemente arraigada na sua época. De fato, ao final do artigo censura duramente o emprego de expressões inglesas, tais como *hapy christmas* (sic), *wuek end* (sic), *show*, *jet*, *park*, usos

que, em sua opinião, devem-se à “ignorância das riquezas de nosso próprio idioma”, que vem transformando nossa variedade em uma mostra da “xurice internacional” (Texto 3).

No texto (2), Guarnieri volta a falar sobre este ponto: censura o emprego de estrangeirismos e defende a necessidade de “conservar em sua maior pureza o acervo do nosso idioma”, evitando o uso de vocábulos, expressões e locuções que são “desnecessários” porque nossa língua possui seus próprios equivalentes com significado idêntico, segundo alega.

3. A MUDANÇA LINGUÍSTICA

O documento (2) faz referência ao registro lexicográfico da mudança linguística. Descreve o fenômeno da mudança como uma “evolução fatal e irremediável”, que “surge como um axioma através da lexicografia e da literatura [...], se estudarmos sua história” [a da linguagem]. Explica que muitas “vozes, expressões e formas sintáticas” ficam para trás e já não serão mais empregadas como meio de comunicação, posto que constituem “a arqueologia da linguagem que falamos”.

Observa que vozes “bastardas e estrangeiras” vão se incorporando ao idioma, e não podem ser excluídas do uso regional “pela antiguidade e qualidade de seu acunhamento, além de sua persistência no uso coloquial e literário”. Como legitimar seu emprego sob uma perspectiva purista? Apoiando-se no fato de que

[...] a Real Academia Española inclui anualmente no tesouro do idioma que tutela, com o apoio científico das academias dos países hispano-americanos, um bom número de vozes bastardas e estrangeiras, que jamais foram usadas nem serão usadas na Espanha, que não podem ser excluídas do uso regional pela antiguidade e qualidade de seu acunhamento, por sua persistência no uso coloquial e literário regional e por serem insubstituíveis para designar objetos e coisas novas [...] (Texto 2).

4. O LUNFARDO, O VESRE E O COCOLICHE

No caso do “castelhano uruguaio”, depois de compartilhar de uma mesma variedade rural com a Argentina – segundo Guarnieri –, seguiu a evolução operada nesse país, sobretudo em Buenos Aires, onde o traço fundamental da linguagem popular foi a “italianização”, do qual depois nasceria o *lunfardo* e, “como uma trepadeira”, o *vesre*. O texto (2) se ocupa do *lunfardo* e, brevemente, do *vesre*: “a linguagem rio-platense, que produziu o melhor e o mais original da nossa literatura (poesia, conto, romance etc.) e não existem dúvidas de que no futuro continuará nesse rumo independente, vernáculo, fundamentalmente nosso”.

O *lunfardo* é para ele a “fala popular das classes proletárias” (GUARNIERI, 1979, p. 8). Mesmo que admita que essa variedade “marginal” conquistou um novo status ao ser incluída no sainete “de certa época”, por autores importantes no início do nosso teatro, no tango e na milonga, não reconhece que tenha se propagado a todas as classes sociais do Rio da Prata, como defende Gobello (1994, p. 9), que o descreve como

[...] um repertório de termos trazidos pela imigração, durante a segunda metade do século passado e até o estopim da Primeira Guerra Mundial, e apropriado pela periferia de Buenos Aires, em cujo discurso se misturavam com outros de origem rural, quechuismos e lusitanismos que já circulavam na fala popular, moldando um léxico que agora transita por todos os níveis sociais das repúblicas do Prata. (Sublinhado do autor)

Guarnieri rejeita o *cocoliche* – a interlíngua falada pelos imigrantes da primeira geração – considerando-o “mais que uma linguagem pretendida, uma personagem de comédia” ou, ainda, “a linguagem arranhada do gringo italiano que quer se fazer entender pelos *criollos*” (GUARNIERI, 1979, p. 9), por isso não mereceria maior atenção.

5. O RIO DA PRATA E A ANTIGA METRÓPOLE

O autor observa um distanciamento cultural e linguístico do Rio da Prata em relação ao “pensamento espanholista da nossa antiga metrópole”, o que pode ser verificado – como destaca – no pouco que são lidos entre nós os escritores espanhóis “cujas obras obrigam, muitas vezes, que o leitor use dicionários”. Guarnieri defende que nosso público prefere “a boa produção hispano-americana – que poucas vezes foi castiça – depois da nossa produção e das traduções das grandes obras clássicas da literatura universal” (GUARNIERI, Doc. de arquivo, sem data).

Outra ideia de Guarnieri que vale a pena destacar é a de que existem algumas línguas mais pobres que outras: “muito mais pobres em algumas ordens das necessidades da expressão; tal como acontece em maior grau com as línguas dos povos primitivos”, conforme afirma no texto 3. Segundo ele, esse seria o caso da variedade popular platina que se distingue “por sua pobreza de nomes abstratos e vozes capazes de certas ideias e estados anímicos próprios de pessoas culturalmente evoluídas” (GUARNIERI, Doc. de arquivo, sem data).

6. O CARÁTER NÃO CONTRASTIVO DA LEXICOGRAFIA GUARNERIANA

Outro aspecto lexicográfico que cabe destacar é o caráter não contrastivo do *Diccionario del lenguaje rioplatense* (1979), um critério que surgiria com força apenas no século XXI, com a publicação de dicionários gerais, produzidos recentemente na Argentina, como *El gran diccionario del español de los argentinos*, coordenado por Beatriz Tornadú (2009), e no México, como o *Diccionario del español de México* (LARA, 2011). Tanto em Granada (1898), como no mais recente Kühl de Mones (1993) e no *Diccionario del español del Uruguay* (ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS, 2011), verifica-se um cuidadoso cotejo com os dicionários da RAE, um uso habitual em obras lexicográficas regionais, que somente seria interrompido no século corrente, com os dicionários gerais. Sobre esses, Lauria (2012, p. 422) observa que:

Os dicionários gerais, sem recorrer a nenhum critério contrastivo, rompem com a memória discursiva da colonização e inauguram uma nova memória – nutrida por filiações diversas – adaptada ao contexto nacional. Nesse sentido, interpreta-se a publicação do *Diccionario integral del español de los argentinos* como um gesto que nega a ilusão de uma língua espanhola geral e afirma a diferença de sentidos com relação à língua do outro (do país colonizador) que é a mesma (tem a mesma materialidade), mas que, simultaneamente, é diferente (significa de modo diferente devido a sua própria historicidade).

Esse **não** é o caso do *Diccionario del lenguaje rioplatense* (1979), cujo autor afirma em seus escritos que a RAE “zela pela nossa língua mãe, o castelhanu”. Está presente aqui a ideia da existência de uma língua principal, central, de referência, em torno da qual orbitam as variedades dialetais. Entretanto, de alguma maneira, Guarnieri também rompe precocemente com a memória discursiva da colonização ao centrar seu trabalho nas variedades próprias dos países hispano-americanos, sem olhar para a Europa.

Assim como seus predecessores, não distingue a existência de uma variedade linguística propriamente uruguaia, diferente da platina. Essa ideia havia sido pouco usada até então. Mesmo que já estivesse presente no *Diccionario uruguayo documentado* (MIERES et al., 1966), só surgirá com força a partir do *Diccionario de uruguayismos* de Kühl de Mones (1993), ou pouco antes, com o volume *Uruguayismos*, de López Blanquet (1992). Em todo caso, Guarnieri não inclui, em seus dicionários, o conceito de variedade uruguaia no *Diccionario del lenguaje rioplatense*, que inclusive incorpora alguns argentinismos da província de Buenos Aires, como **chulengo**⁷; e alguns portenhismos, como **che**, **mire**.

⁷ *Chulengo*: churrasqueira feita com tambor de metal. *Che*: vocativo, similar ao *têh* usado no Rio Grande do Sul, usado para chamar a atenção do interlocutor. *Mire*: Interjeição derivada do verbo ‘mirar’ e utilizada também para chamar a atenção do interlocutor. (N. dos T.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, deve-se reconhecer o mérito de Guarnieri de ter compreendido tão claramente, como um autodidata, o papel da linguagem como elemento fundamental da identidade nacional, assim como de ter percebido e descrito o papel da mudança linguística na “evolução” das línguas. Como lexicógrafo aficionado foi, talvez sem se dar conta, um pioneiro na seleção de uma macroestrutura que em momento algum considerou a centralidade geralmente atribuída ao *Diccionario de la Real Academia Española*, hoje chamado *Diccionario de la lengua española* (DLE).

Apesar desse gesto de independência, não conseguiu escapar da influência da ideologia purista, que se evidencia em sua luta contra o uso de anglicismos e no reconhecimento do papel de liderança atribuído à Academia de Madri.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE LETRAS. **Diccionario del español del Uruguay**. Montevideo: Ediciones Banda Oriental, 2011.

_____. **Archivo Guarnieri**. Textos inéditos mecanografados. Montevideo, [1999].

GOBELLO, José. **Nuevo diccionario lunfardo**. Buenos Aires: Corregidor, 1994.

GRANADA, Daniel. **Vocabulario rioplatense razonado**. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública (1957 [1898])

GUARNIERI, Juan Carlos. **Nuevo vocabulario campesino rioplatense**. Montevideo: Florensa y Lafón, 1957.

_____. El habla del boliche. **Diccionario del habla popular rioplatense**. Montevideo: Florensa y Lafón, 1967.

_____. **Diccionario del lenguaje campesino rioplatense**. Montevideo: Florensa y Lafón, 1968.

_____. **Diccionario del lenguaje rioplatense**. Montevideo: Disa, 1970.

_____. **Diccionario del lenguaje rioplatense**. Montevideo: Banda Oriental, 1979.

KÜHL DE MONES, Úrsula. **Nuevo diccionario de uruguayismos**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1993.

LARA, Luis Fernando. **Diccionario del español de México**. México: Colegio de México, 2011.

LAURIA, Daniela. **Continuidades y discontinuidades de la producción lexicográfica del español de la Argentina. Un análisis glotopolítico de los diccionarios publicados en el marco del Centenario y en el del Bicentenario de la Revolución de Mayo**. Tese (Doutorado em Lingüística) 2012. Instituto de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2012.

LÓPEZ BLANQUET, Marina. **Uruguayismos**. Montevideo: A. Monteverde & Cia., 1992.

MIERES, Celia *et al.* **Diccionario uruguayo documentado**. Montevideo: Academia Nacional de Letras, 1966.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Disponível em: <<http://ntlle.rae.es/ntlle/SrvltGUILoginNtle>>. Acesso em: 22 ago de 2018.

TORNADÚ, Beatriz. **Gran diccionario de los argentinos**. Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2009.